

Dorothy Day, “mística de olhos abertos”: precursora da espiritualidade laical proposta no espírito do Concílio Vaticano II

*Dorothy Day, “open-eyed mysticism”:
laical spirituality pioneer as proposed in the spirit of Second
Vatican Council*

*Ceci Maria Costa Baptista Mariani
Henrique Matheus Biondo Costa*

Resumo

A mística traz solidez à espiritualidade, uma vez que a religião ficou refém da lógica de consumo. Johann Baptist Metz denomina Dorothy Day como a “mística de olhos abertos”, a face política da mística contemporânea. A “mística de olhos abertos” é uma mística inspirada na justiça de Deus que desce e se coloca ao lado do sofredor para salvar o mundo pelo poder da compaixão, solidariedade e comunhão. Ao lado da mística contemporânea está a espiritualidade laical. Sua sistematização acontece com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e chega até o Magistério atual com o documento sobre a santidade *Gaudete et Exsultate*, de 2018, do Papa Francisco. Através de metodologia bibliográfica exploratória, este artigo tem o objetivo de empreender uma reflexão sobre as características e tendências da mística contemporânea no testemunho de Dorothy Day (1897-1980). Além disso, busca-se demonstrar como Day preconiza a espiritualidade laical e a santidade em todas as dimensões da sua vida.

Palavras-chave: Dorothy Day. Espiritualidade laical. Militância política. Mística contemporânea. Pacifismo.

Abstract

The open-eyed mysticism brought integrity to spirituality, since religion has been attached to the logic of consumerism. Johann Baptist Metz (2013) named Dorothy Day as the open-eyed mysticism due to the contemporary mysticism political side presented. The open-eyed mysticism is inspired in God's justice which goes down and poses on the side of the suffering in order to save the world through the power of compassion, solidarity and communion. At the side of the contemporary open-eyed mysticism, it is the laical spirituality. Its order takes place within Second Vatican Council (1962-1965) reaching our current Magisterium with the document about Holiness *Gaudete et Exsultate*, in 2018, by the Pope Francisco. Based on a bibliographical and exploratory methodology, this research aims at developing a reflection on features and tendencies of Dorothy Day's (1897-1980) mysticism and contemporary witness. In addition, it demonstrates how Day advocates laical spirituality and sanctity in all dimensions of her life.

Keywords: Dorothy Day. Laical spirituality. Political activism. Contemporary mysticism. Pacifism.

Introdução

Vive-se hoje sob o domínio da lógica do consumo da qual a religião também acabou se tornando refém, por isso faz-se necessário refletir sobre como a mística possibilita solidez à espiritualidade. Karl Rahner afirma: “o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão”.¹ É nessa perspectiva que, ao olhar a história da mística e da vocação laical, pode-se enquadrar o testemunho de Dorothy Day (1897-1980), militante anarquista que se converteu ao catolicismo no final dos anos de 1920.

Tendo como referencial teórico os conceitos desenvolvidos por Johann Baptist Metz, a partir de sua obra *Mística de olhos abertos*,² deseja-se refletir sobre o testemunho da jornalista estadunidense Dorothy Day. Mulher de olhos abertos e de fibra, pela sua história de vida, sensível com os mais necessitados e engajada na luta por igualdade àqueles que viviam na pobreza, ou seja,

¹ RAHNER, K., O Cristão do Futuro, p. 78.

² METZ, J. B., Mística de olhos abertos.

exemplo de busca por transformar as estruturas, a fim de se construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Em 1933, com o Pe. Peter Maurin, Day funda o *Catholic Worker Movement* (O Movimento dos Trabalhadores Católicos), que prega em favor dos seres humanos, de uma sociedade descentralizada, dos atos de não violência, das obras de misericórdia e da pobreza voluntária. Seu pacifismo é apoiado na compreensão ecumênica da doutrina do Corpo Místico de Cristo: forte característica de sua mística militante.

Através de metodologia bibliográfica exploratória, procuramos demonstrar que Day assume e preconiza aquilo que o Concílio Vaticano II definirá como espiritualidade laical. Porém, sua vivência não para com o grande marco eclesial do século XX, ou seja, é possível afirmar que seu testemunho chega até o Magistério de Francisco com o chamado à santidade de toda a Igreja.

1. A espiritualidade laical com referência ao Concílio Vaticano II

O papa Paulo VI, na catequese do dia 11 de agosto de 1971, sobre *A Responsabilidade Comum dos Leigos na Igreja*,³ afirma:

Prestemos atenção ao significado polivalente da palavra “leigo”. A etimologia leva-nos a identificá-la com o termo “popular”. “Laós”, em grego, significa povo. Por este motivo, para nós, o leigo é aquele que pertence ao Povo de Deus.

Ou seja, o apostolado laical jamais pode deixar de existir na vida da Igreja, pois “é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado” (Lc 13, 21).

É válido lembrar que o Espírito Santo suscita a consciência responsável dos leigos, isto é, são eles que, naqueles lugares em que a presença do ministro ordenado é escassa, testemunham e propagam a fé no Senhor Jesus. É a pertença ao Corpo Místico de Cristo que faz com que o leigo contribua para o aumento, na santidade, desse Corpo. “Se, na Igreja, nem todos caminham pela mesma via, ainda assim, todos são chamados à santidade e têm igualmente a mesma fé pela justiça de Deus”.⁴

Nos ritos complementares do Batismo, após a unção do Crisma, quem preside diz a seguinte oração:

³ PAULO VI, PP., *A Responsabilidade comum dos leigos na Igreja*.

⁴ LG 32.

Queridas crianças, que o Espírito Santo as consagre com este óleo, para que participem da missão do Cristo, sacerdote, profeta e rei. Agora que vocês fazem parte do povo de Deus, sigam os passos de Jesus e permaneçam nele para sempre.⁵

Pelo Batismo, ao nos tornarmos filhos adotivos de Deus, recebemos o tríplice múnus de sacerdote, profeta e rei. Somos sacerdotes porque participamos do sacerdócio do Cristo enquanto leigos; profetas porque devemos denunciar as injustiças e as idolatrias na realidade que vivemos; e reis porque participamos da realeza de Jesus, no serviço “os leigos, tornados participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo a parte que lhes cabe na missão de todo o povo de Deus”.⁶

Em outras palavras, é preciso frutificar onde Deus colocou para o bem de todos – “cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1Cor 12,7). Mas, como ser sinal e dar frutos? O Evangelho dá a resposta: “sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). É somente na união íntima com o Cristo, através dos sacramentos, de modo especial, a Eucaristia, que o leigo testemunha com alegria, paciência, prontidão e prudência as adversidades da vida e do apostolado.

As virtudes teológicas – fé, esperança e caridade – ajudam nesse itinerário espiritual: a fé, porque leva ao conhecimento do Deus verdadeiro; a esperança, porque lembra de “que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18); e, por fim, é a caridade, porque faz com que o leigo expresse o espírito das bem-aventuranças (Mt 5,1-12). O Concílio Vaticano II, no decreto *Apostolicam Actuositatem*,⁷ ainda nos lembra:

Tal apostolado não consiste apenas no testemunho de vida; o verdadeiro apóstolo procura ocasiões de anunciar Cristo, pela palavra, quer aos não crentes para os conduzir à fé, quer aos fiéis para os instruir, confirmar e estimular a uma vida mais fervorosa; com efeito “o amor de Cristo impele-nos” (2Cor 5,14) e no coração de todos devem ressoar aquelas palavras do Apóstolo: “Ai de mim, se não evangelizar” (1Cor 9,16).

A ação social é um dos locais do apostolado laical. É através da caridade, na família, com a juventude, nos ambientes nacionais e internacionais, que os

⁵ RITUAL do batismo de crianças, 79.

⁶ AA 2.

⁷ AA 6.

leigos devem testemunhar a alegria da fé no Cristo Morto e Ressuscitado. O apóstolado leigo, portanto,

é uma vocação; por isso, é livre, mas moralmente obrigatório. A participação na missão da Igreja está aberta a todos os cristãos, seus filhos. Está aberta, mas é obrigatória, porque não devem existir membros inertes e passivos no Corpo Místico de Cristo. Todos e cada um devem colaborar, de maneira e em medida diversas, mas com responsabilidade comum, na obra apostólica da Igreja.⁸

João Paulo II escreve, em 1988, a Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Nela, o papa reconhece o papel insubstituível e original dos leigos, ou seja, eles são sinais de amor e de esperança para o mundo. Ou ainda: “os fiéis leigos não são simplesmente os agricultores que trabalham na vinha, mas são parte dessa mesma vinha”.⁹

A Exortação nos lembra que deve ser despertada a consciência de que os leigos são a Igreja e não somente pertencem à ela. E esse ser Igreja começa com o Batismo, ou seja, “toda a existência do fiel leigo tem por finalidade levá-lo a descobrir a radical novidade cristã que promana do Batismo”.¹⁰ É ser filho no Filho, membro de Cristo e da Igreja. Porém, o pleno desenvolvimento do tríplice múnus se dá com os sacramentos da Eucaristia e da Confirmação, mas, para essa participação ser fecunda, “exige ser vivida e atuada *na* comunhão e *para* o crescimento da mesma comunhão”.¹¹

Sabemos que cada um ocupa seu lugar na vida da Igreja. O ministro ordenado tem suas funções próprias, assim como os leigos. Contudo, o leigo é chamado a ser corresponsável da missão eclesial no mundo secular. Ou seja, somos seres que vivem no século, no mundo e, de modo especial, os leigos “são pessoas que vivem a vida normal no mundo, estudam, trabalham, estabelecem relações amigáveis, sociais, profissionais, culturais etc”.¹² Por isso, o mundo é o lugar privilegiado da ação e realização da vocação laical, uma vez que somos chamados a transformar a realidade que vivemos através da comunhão.

O fiel leigo “não pode nunca fechar-se em si mesmo, isolando-se espiritualmente da comunidade, mas deve viver num contínuo

⁸ PAULO VI. A Responsabilidade comum dos leigos na Igreja.

⁹ CL 8.

¹⁰ CL 10.

¹¹ CL 14.

¹² CL 15.

intercâmbio com os outros, com um vivo sentido de fraternidade, na alegria de uma igual dignidade e no empenho em fazer frutificar ao mesmo tempo o imenso tesouro recebido como herança. [...] Os carismas, os ministérios, as funções e os serviços do fiel leigo existem na comunhão e para a comunhão”.¹³

A vocação laical também se realiza na paróquia, pois é o apostolado comunitário que gera a unidade e a universalidade da Igreja. Os leigos contribuem com os párocos, porque ajudam na transformação do mundo, uma vez que trazem os problemas presentes na sociedade e buscam, juntos, levar a salvação a todos.

No entanto, é muito salutar que não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular. Essa integração evitará que fiquem só com uma parte do Evangelho e da Igreja, ou que se transformem em nômades sem raízes.¹⁴

O impulso missionário que a comunidade paroquial pode proporcionar cumpre o mandato de Jesus de levar a Boa-Nova para todas as pessoas – “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Além disso, a vida cristã ganha ânimo e dinamismo, porque não se fecha, mas sempre se abre, se expande. Dessa forma, comunhão e missão caminham lado a lado, pois uma encaminha para a outra e vice-versa. É pelo múnus profético que o leigo leva a esperança para a sociedade, de modo especial, para as famílias.

Cabe, aos leigos, a participação na vida política em vista do bem comum, testemunhando os valores evangélicos e a Doutrina Social. Assim sendo,

os fiéis leigos não podem ficar indiferentes, estranhos e indolentes diante de tudo o que negue ou comprometa a paz: violência e guerra, tortura e terrorismo, campos de concentração, militarização política, corrida armamentista e nuclear.¹⁵

João Paulo II deixa claro que Deus chama a cada um pelo nome, pela sua irrepetibilidade e pela sua unicidade, ou seja, é na história que acontece o êxodo e o advento. É o homem que vai até Deus e Deus que vem até o homem para,

¹³ CL 20.

¹⁴ EG 29.

¹⁵ CL 42.

juntos, construïrem o Reino, mas isso só é possível através da formação que deve ser prioridade da diocese e da sua ação pastoral.

O Magistério mais recente faz um apelo à santidade em todas as vocações, conforme está na Escritura: “como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também santos em todo o vosso comportamento, porque está escrito: sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1,15-16). O Papa Francisco, com a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, gosta de compreender o ser santo nas atividades do dia a dia, na vida familiar, do trabalho, da escola, ou melhor, no sorriso em meio às adversidades. O Santo Padre declara:

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra.¹⁶

Francisco ainda pede para frutificar a graça recebida no dia do nosso Batismo, porque é um caminho de santidade.¹⁷ É preciso sempre escolher Deus, sempre se abrir a Ele, optar por Ele. Dessa forma, não se pode compreender um cristão sem uma estrada de santidade, sem uma missão.

Você também precisa conceber a totalidade de sua vida como uma missão. Tente fazer isso, escutando a Deus na oração e identificando os sinais que ele lhe dá. Pergunte sempre, ao Espírito Santo, o que Jesus espera de você em cada momento de sua vida e em cada opção que você tenha de escolher, para discernir o lugar que isso ocupa em sua missão. E permita-lhe plasmar em você aquele mistério pessoal que possa refletir Jesus Cristo no mundo de hoje.¹⁸

Por isso, é preciso se entregar por inteiro nessa missão; é preciso fazer da vida uma constante missão através da doação de si. É necessário compreender que “somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e nos santificamos no exercício responsável e generoso de nossa missão”.¹⁹ E, ao sermos santos, tornamos o mundo mais santo e mais fecundo.

¹⁶ GE 14.

¹⁷ GE 15.

¹⁸ GE 23.

¹⁹ GE 26.

Para isso, basta dependermos totalmente d'Ele que nos liberta dos cativeiros e nos dá vida, alegria e força.

O Documento de Aparecida lembra-nos que “conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher”.²⁰ Contudo, sabemos que a vivência da espiritualidade, de modo especial a espiritualidade laical, é inundada por diversas demandas que muitas vezes não correspondem ao chamado do Senhor, ou seja, de sermos seus “discípulos-missionários”.

Bem sabemos que o relativismo, o individualismo e a secularização se fazem cada vez mais presentes em nossa sociedade e, com isso, as instituições se enfraquecem, pois são vozes que não são ouvidas pela humanidade e surge uma espiritualidade de consumo, imediata. Nesse sentido, a “mística de olhos abertos” nos ajuda a compreender que “num tempo em que a fé e a esperança sofrem cada vez mais com a suspeita pública de serem apenas ilusão e projeção, o efeito [da] alegria é convincente”.²¹ Ou ainda, como nos lembra o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “com Jesus Cristo, a alegria renasce sem cessar”.²² Logo, “mística de olhos abertos” e a vivência da espiritualidade caminham lado a lado, porque ambas são importantes para dar solidez à experiência religiosa.

2. “Mística de olhos abertos”: o novo jeito de viver a espiritualidade

É pertinente a afirmação de Karl Rahner sobre a mística na contemporaneidade: “o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão”.²³ A religião se tornou refém da lógica do consumo, por isso, refletir sobre a mística, enquanto experiência do Absoluto, é trazer solidez à espiritualidade.

Porém, o que é experiência? Trata-se de um conhecimento vivido ou espontâneo que o indivíduo adquire ao longo da vida. Contudo, a máxima que rege os dias atuais parece ser: “experimentar tudo, nada escolher”.²⁴ Isso é extremamente perigoso, porque a volatilidade, o consumismo, por exemplo, são alguns sinais experimentados pelo ser humano.

O risco de experimentar tudo, de ceder ao assédio da cultura que se instalou em nossas sociedades ocidentais, é descobrir-se com uma

²⁰ DAp 18.

²¹ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 287.

²² EG I.

²³ RAHNER, K., *O Cristão do Futuro*, p.78.

²⁴ BINGEMER, M. C. L., *O Mistério e o Mundo*, p. 189.

identidade nebulosa, sem ataduras afetivas firmes, sem referências sólidas, sem alternativas de pertença e de escolha, sem capacidade de tomar decisões sobre a própria vida.²⁵

O adjetivo grego *mystikós* remete ao que não se pode falar, a algo oculto, não acessível à vista. Sua origem, na tradição cristã, reside no encontro do cristianismo e do helenismo.

A mística será compreendida pelos Padres Gregos como “a realidade divina que o Cristo nos traz, que o Evangelho nos revela, que dá sentido definitivo a toda a Escritura”.²⁶ Com isso, a palavra mística assinala a realidade essencial do cristianismo, ou seja, a revelação de Deus através da Escritura e o aspecto sacramental. Dessa forma, exegese e liturgia caminham juntas.

Mas será Dionísio Areopagita que cunha o termo “Teologia Mística” e, com isso, sistematiza a “visão dialética da relação de Deus com o mundo”.²⁷ Isto é, mística é um tipo de sabedoria de Deus, na qual os iniciados que se dispõem, se lançam ao despojamento do próprio saber e são conduzidos para o alto e para Aquele que tudo transcende.

Com base na teologia negativa, para a tradição cristã, a mística é compreendida como um trabalho pessoal de ascese que leva ao encontro do sujeito com alguém ou algo que excede as fronteiras da compreensão e da apreensão volitiva. “Deus, que levanta o véu, leva luz àquele que fecha os olhos, transformando o ser e o conhecer”.²⁸ Ou seja, pela Revelação, Deus sai de si e se relaciona conosco e a teologia, por sua vez, tem que captar esses sinais e penetrar no Mistério: “a teologia cumpre o seu trabalho quando é capaz de conduzir a comunidade dos fiéis para além do ponto onde as palavras podem alcançar”.²⁹ É nítido, portanto, que, para Dionísio, a vida mística tem sua essência quando transcende o símbolo e aí encontra as manifestações do amor de Deus.

A Teologia Mística consiste, portanto, no discernimento desta presença escondida (mística) e na tentativa de alcançar um entendimento do que Deus deve ser se Ele verdadeiramente ama o mundo a ponto de criá-lo e de se fazer presente em meio a este mundo em Cristo.³⁰

²⁵ BINGEMER, M. C. L., O Mistério e o Mundo, p. 191.

²⁶ MARIANI, C. M. C. B., Mística e Teologia, p. 361.

²⁷ MARIANI, C. M. C. B., Mística e Teologia, p. 362.

²⁸ MARIANI, C. M. C. B., Mística e Teologia, p. 365.

²⁹ COSTA, A. S., Teologia e Espiritualidade, p. 339.

³⁰ COSTA, A. S., Teologia e Espiritualidade, p. 340.

É sabido que todos os místicos são pessoas apaixonadas por Deus. “Na relação com Deus experimentam gozo e dor, ausência e presença, cada um em seu próprio estilo original”.³¹ Será o teólogo alemão Johann Baptist Metz que ajudará a pensar a mística em uma perspectiva contemporânea com olhos abertos.

Para esse teólogo, a espiritualidade cristã tem no seu centro a solidariedade, ou seja, a justiça deve estar presente nas ações dos cristãos, pois a sensibilidade de Jesus reside, primeiramente, no sofrimento e não nos pecados. O Cristo se interessa pelo sofrimento alheio e tem compaixão. Esse também é o dever dos cristãos, como afirma Metz:

Os cristãos também são místicos, mas não exclusivamente místicos no sentido de uma experiência espiritual pessoal, porém no sentido de uma experiência espiritual de solidariedade. Eles são, sobretudo, “místicos de olhos abertos”. Sua mística não é uma mística natural, sem face. Ela é muito mais uma mística que busca essa face, que leva esses místicos ao encontro do outro, sofredor, ao encontro da face dos infelizes e vítimas do mundo. Ela obedece, em primeiro lugar, à autoridade dos sofredores. Para essa mística da justiça que busca uma face, a experiência que desabrocha dessa obediência e se define nela torna-se um modelo terreno da proximidade de Deus com seu Cristo.³²

A “mística de olhos abertos” possibilita a experiência, o encontro com Deus, mas também possui o viés “político”, porque através da ação humana é possível superar as feridas, as vulnerabilidades que a sociedade possui. Porém, é fundamental ficar claro que “não é uma mística da política ou dos políticos, assim como Jesus não foi político. Mas essa mística é, sim, política, assim como Jesus não é, de modo algum, apolítico em sua mensagem”.³³

Fé e política caminham juntas e, por isso, o cristianismo deve ter sempre presente as advertências bíblicas, pois velar, despertar, abrir os olhos são imperativos que nos impulsionam a não descuidar da realidade ou, melhor dizendo, devemos ser uma escola de observação. Não devemos ser cegos. Esse é um risco que corremos, porque a sociedade é cada vez mais veloz e ficamos com um olhar restringido das pessoas e das coisas. É preciso demorar no olhar. E, se olharmos com atenção, nossa consciência será despertada e veremos as situações de miséria e pobreza, de sonhos apagados e desejos não realizados.

³¹ BINGEMER, M. C. L., O Mistério e o Mundo, p. 331.

³² METZ, J. B., Mística de olhos abertos, p. 21.

³³ METZ, J. B., Mística de olhos abertos, p. 22.

“A espiritualidade, a mística, portanto, será uma atitude alerta, vigilante, de olhos abertos para ver, ler, entender a realidade, e transformá-la segundo o Espírito de Deus”.³⁴

Quando olhamos, também somos olhados. E, enquanto seguidores, discípulos de Jesus, é pelo “encontro com a face dos estranhos que ‘irrompe’ em nós a pura ideia do amor de Deus como amor ao próximo”.³⁵ Aqui reside a beleza e a novidade da mística cristã, porque é importante que superemos nossos narcisismos e abramos nosso olhar. O Evangelho de Mateus, no capítulo 25, nos ajuda porque a mística da compaixão ou de olhos abertos exige a conversão do olhar.

O mandamento do amor, deixado por Jesus, deve ser levado à vida política, pois o cristão é responsável pelo que faz e pelo que deixa de fazer. É fundamental ressaltar que não é para amarmos somente quem nos ama, mas é amar também os nossos inimigos. Ou seja, é necessário romper com os círculos de ódio e de violência. Isso é ser um cristão místico, porque nos conscientizamos e solidarizamos com o sofrimento alheio, porém isso só é possível se olharmos bem de perto e com olhar desperto. “É ele que nos instiga à revolta contra a falta de sentido do sofrimento dos injustos e dos inocentes; é ele que desperta em nós a fome e a sede de justiça, da grande justiça para todos e que nos impede de nos acomodarmos”.³⁶

A oração tem valor fundamental na vida do cristão, porque é uma forma de solidarizar-se com os outros. Contudo, também, é sinal de confiança e esperança. A oração “não exclui nada, nenhuma dúvida, nenhuma resignação, nenhum protesto e nenhuma condenação”.³⁷ O modelo da nossa oração deve ser sempre Jesus, ou seja, devemos aprender dele como rezamos ao Pai. “Os que oram no ‘espírito de Jesus’ não podem orar de costas para o ‘outro’ que sofre”.³⁸ Por isso, a oração não deve centrar-se em si, mas levar à solidariedade e, assim, assumir responsabilidades.

A linguagem da oração é a linguagem da resistência contra a ameaçadora banalidade da nossa vida, contra a total falta de sentido da vida, numa sociedade meramente de troca e de satisfação de necessidades, na qual a capacidade para o luto e para a celebração está se reduzindo cada vez mais, porque não se podem celebrar as necessidades, mas somente

³⁴ BINGEMER, M. C. L., *O Mistério e o Mundo*, p. 335.

³⁵ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 61.

³⁶ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 115.

³⁷ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 122.

³⁸ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 123.

satisfazê-las, e porque não se ganha literalmente nada com o luto. [...] Orar não é um jogo de perguntas e respostas, e também não é uma “troca”.³⁹

Por fim, a oração é o pedido de salvação para aqueles que sofrem. É em meio ao sofrimento que o cristão é chamado a ser alegre. Essa alegria deve conduzir ao “seguimento na obediência de Jesus [que] leva a um Deus que exclui qualquer ambiguidade”.⁴⁰ E, por sua vez, o seguimento deve levar à “mística de olhos abertos”, ou seja, “a esperança cristã quer nos presentear com novos olhos”,⁴¹ pois “o místico de olhos abertos abre bem seu olhar para perceber toda a realidade, porque sabe que a última dimensão de todo o real está habitada por alguém, por Deus”.⁴²

3. “Mística de olhos abertos” e precursora da espiritualidade laical

O Papa Francisco, em setembro de 2015, no Congresso Americano, indica que o testemunho de Dorothy Day deve ser hoje um modelo para o cristão, especialmente para o leigo comprometido com a transformação social no âmbito da secularidade.

Nestes tempos em que as preocupações sociais são tão importantes, não posso deixar de mencionar a Serva de Deus Dorothy Day, que fundou o *Catholic Worker Movement*. O seu compromisso social, a sua paixão pela justiça e pela causa dos oprimidos estavam inspirados pelo Evangelho, pela sua fé e o exemplo dos Santos. Quanta estrada percorrida neste campo em tantas partes do mundo! Quanto se fez nestes primeiros anos do terceiro milênio para fazer sair as pessoas da pobreza extrema! Sei que partilhais a minha convicção de que se tem de fazer ainda muito mais e de que, em tempos de crise e dificuldade econômica, não se deve perder o espírito de solidariedade global. Ao mesmo tempo, desejo encorajar-vos a não esquecer todas as pessoas à nossa volta encastradas nas espirais da pobreza. Há necessidade de dar esperança também a elas. A luta contra a pobreza e a fome deve ser travada com constância nas suas múltiplas frentes, especialmente nas suas causas. Sei que hoje, como no passado, muitos americanos estão a trabalhar para enfrentar este problema.⁴³

³⁹ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 131.

⁴⁰ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 183.

⁴¹ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 242.

⁴² BINGEMER, M. C. L., *O Mistério e o Mundo*, p. 333.

⁴³ FRANCISCO, PP., *Discurso ao Congresso Americano*.

Dorothy Day nasceu em 1897, em Nova York, passando a maior parte da infância em Chicago. Em 1916, retorna com a família para Nova York e começa a trabalhar no jornal socialista *The Call*. Trabalha também para a revista *The Masses*, opondo-se ao envolvimento dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Em 1917, é presa ao protestar em frente à Casa Branca pelo direito do voto das mulheres e faz greve de fome, experiência que a marcou profundamente e que terá posteriormente influência em sua conversão.

Eu perdi todo o sentimento da minha própria identidade. Eu refleti na desolação da pobreza, miséria, doença e do pecado. Que eu estaria livre depois de trinta dias não significava nada para mim. Eu nunca seria livre novamente, nunca livre quando eu soube que atrás das barras de todo o mundo havia homens e mulheres, jovens meninas e meninos, sofrendo restrição, punição, solidão e sofrimento por crimes dos quais todos nós éramos culpados.⁴⁴

Na prisão começa a ler a Bíblia e as palavras divinas ecoam em seu coração, tanto que tenta se convencer de que a leitura era por mera diversão literária.⁴⁵ Dorothy foi uma mulher de seu tempo, tempo de rebelião de costumes provocada, entre outras coisas, pelo avanço do movimento feminista que deu à mulher maior condição de envolvimento político e proporciona nova maneira de encarar a sexualidade.

Leva uma vida agitada e boêmia, tem um caso com Lionel Moise que resulta em uma gravidez e por pressão do parceiro, vê-se forçada a praticar o aborto. Casa-se posteriormente com Barkeley Tobey, produtor literário, mas acaba deixando-o e retomando o romance, por alguns meses, com Lionel Moise.

Vive tempos de estabilidade afetiva e emocional com Forster Batterham, botânico. Com ele tem uma filha, Tamar Theresa, em 1927, cujo nascimento marca o início de sua conversão, conforme lemos em sua autobiografia: “minha alegria de ter dado à luz a uma criança que me fez fazer algo definitivo. Eu queria que Tamar pudesse ter um caminho de vida e instrução”.⁴⁶ O batismo da menina foi oportunidade de pensar sobre sua própria experiência de fé:

Eu sabia que batizaria minha filha a todo custo. Eu sabia que não a deixaria debatendo muitos anos como eu fizera, duvidando e hesitando, indisciplinada e amoral. Eu senti que era a maior coisa que faria por

⁴⁴ DAY, D., *The long loneliness*, p. 78.

⁴⁵ DAY, D., *The long loneliness*, p. 81.

⁴⁶ DAY, D., *The long loneliness*, p. 141.

minha filha. Para mim, eu rezei pelo presente da fé. Eu tinha certeza, ainda sem garantia. Eu adiei o dia da decisão.⁴⁷

Por conta das amigas Bee e Blanche, católicas devotas, Day começa a questionar sobre a fé e sobre a Igreja Católica. Relembrando alguns fatos do passado, diz: “o primeiro rosário que tive me foi dado por uma amiga de minha vida desordenada, que, mais tarde, se tornou comunista e foi ativa no trabalho para Espanha Legalista”.⁴⁸ Ainda continua afirmando que “foi por eu sempre ir à catedral que Mary me deu o rosário. Eu não ia à missa porque era cedo e eu tinha que trabalhar”.⁴⁹ Nota-se que durante sua vida, mesmo afastada, nunca perdeu a referência à Igreja com a qual tinha uma relação tradicional.

Ainda antes do batismo da filha, relata: “Tamar seria batizada e eu sabia que o rasgo que isso causaria nas relações humanas ao meu redor”.⁵⁰ Mesmo sem a aprovação do companheiro, a menina é batizada. Essa decisão levou ao fim a relação com Batterham. Contudo, o batismo de Dorothy é posterior.

No momento de decisão, Dorothy sabia que “tornar-se católica significaria encarar a vida sozinha”,⁵¹ mas segue adiante. Tanto que seu relacionamento com Forster acaba e, assim, passa a ser mãe solteira. Isso não lhe é um peso, pois nota sua coerência de vida e de testemunho: “eu queria ser pobre, casta e obediente. Eu queria morrer para viver, para deixar o homem velho e vestir Cristo”.⁵²

Day nunca deixou enfraquecer seu compromisso pela justiça social e o viver entre os mais pobres. Ela acreditava numa “Igreja dos pobres” e ela mesma relata: “uma comunidade estava crescendo. Uma comunidade dos pobres, que apreciavam estar juntos, que sentiam que tinham embarcado em uma grande empreitada, que tinham uma missão”.⁵³

Após uma manifestação em Washington, Dorothy compreende que não havia conhecido nenhum leigo católico pessoalmente.⁵⁴ Quando retorna para Nova York, encontra o Pe. Peter Maurin. Sobre esse encontro escreve: “Peter, o camponês francês, cujo espírito e ideias dominarão o resto deste livro, assim como eles dominarão o resto da minha vida”.⁵⁵ Era o Pe. Peter quem falava

⁴⁷ DAY, D., *The long loneliness*, p. 136.

⁴⁸ DAY, D., *The long loneliness*, p. 108.

⁴⁹ DAY, D., *The long loneliness*, p. 109.

⁵⁰ DAY, D., *The long loneliness*, p. 138.

⁵¹ DAY, D., *The long loneliness*, p. 136-137.

⁵² DAY, D., *The long loneliness*, p. 149.

⁵³ DAY, D., *The long loneliness*, p. 244.

⁵⁴ DAY, D., *The long loneliness*, p. 166.

⁵⁵ DAY, D., *The long loneliness*, p. 166.

sobre pobreza e sociedade para Dorothy e para os pobres.⁵⁶ Será ele seu companheiro e parceiro de vida espiritual, além do trabalho apostólico. Em 1933, iniciam o *Catholic Worker Movement* (CWM), movimento que além da publicação de um jornal influente (com o custo de um centavo), fundou casas para os desabrigados da Grande Depressão e, aos poucos, foi se adaptando às novas exigências da sociedade.

O CWM desejava viver um compromisso cristão radical a fim de criar uma nova sociedade “dentro da casca velha”. Os propósitos do CWM são: uma crítica da distribuição injusta da riqueza; uma crítica da organização política do governo; uma crítica das imagens distorcidas da pessoa humana causadas por classes, raça e sexo; uma forte condenação da corrida armamentista. Os meios para chegar a esses fins são: uma concepção personalista do ser humano; uma sociedade descentralizada; não violência; obras de misericórdia; e pobreza voluntária.⁵⁷

Dorothy Day era uma revolucionária que buscou a revolução do coração combinada com a ação em defesa do ser humano, sempre em obediência e devoção à Igreja, que não era cega e nem acrítica. Vai à Roma com um grupo de mulheres durante o Concílio Vaticano II e pede aos padres conciliares que condenem a guerra.⁵⁸

É presa aos 75 anos por se declarar pacifista e morre em 29 de novembro de 1980, no meio dos pobres, em Nova York. Está em processo de canonização e já foi declarada Serva de Deus, por São João Paulo II, em 2000. Por seu itinerário espiritual, Dorothy Day pode ser considerada uma “mística de olhos abertos” e precursora da espiritualidade laical no espírito do Concílio Vaticano II. Sua vida é testemunho de uma espiritualidade de compaixão e solidariedade, comprometida com a transformação da sociedade.

Dorothy era uma pessoa que tinha consciência de seu corpo, valorizava sua sexualidade. Gostava de carinho, de estar com as pessoas, de ser amada e de amar. É justamente sua sensibilidade feminina, conforme afirma Bingemer, que a faz “apóstola dos mais pobres e defensora dos sem voz, paladina da paz e da justiça”.⁵⁹ Sua difícil experiência com a maternidade teve grande importância em sua vida e marcou também seu engajamento social. A gravidez e o nascimento da filha representaram uma grande graça depois do aborto, pois

⁵⁶ DAY, D. *The long loneliness*, p. 245.

⁵⁷ BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de. *Fé, justiça e paz*, p. 8.

⁵⁸ SCARAFFIA, L., *Não me chameis santa*.

⁵⁹ BINGEMER, M. C. L. *O Mistério e o Mundo*, p. 379.

imaginava que não poderia mais engravidar. É profundo e tocante o relato sobre essa passagem de sua vida:

Eu me apaixonei por um jornalista chamado Lionel Moise. Engravidiei. Ele disse que, se eu tivesse o bebê, ele me deixaria. Eu queria o bebê, mas queria ainda mais Lionel. Então abortei e perdi os dois. [...] Lionel, meu namorado, prometeu me buscar no apartamento, depois que tivesse tudo acabado. Esperei, com muita dor, de nove da manhã às dez da noite, mas ele não veio. Quando cheguei em casa, no apartamento dele, encontrei apenas um bilhete. Ele disse que estava indo embora para um novo trabalho e, quanto ao meu aborto, que eu “era apenas uma de Deus sabe quantos milhões de mulheres que passam pela mesma coisa. Não alimente nenhuma esperança. É melhor, na verdade, que você me esqueça”.⁶⁰

Por ter consciência de seu corpo de mulher, sabia que gostava de carícias, de prazer e que era habitada por desejos. Esse corpo que gerou e deu à luz será “um corpo que agora devia enfrentar a solidão, o peso de lutar como leiga e mãe solteira em uma sociedade discriminatória para com a mulher e em uma Igreja ainda muito marcada pelo machismo”.⁶¹ Contudo, esse mesmo corpo vibrará de solidariedade e compaixão por todos aqueles pobres e infelizes que aparecerem em seu caminho. A maternidade ajudará a amar todos os que estão sob a pobreza e a necessidade. São dessas convicções que Day abraçará o pacifismo e a não violência, pois “era aquela mãe, cuja filha havia sido violentada e assassinada. Eu era a mãe que suportou o monstro que fez isso. Eu era ainda aquele monstro, sentindo em meu próprio peito cada abominação”.⁶²

Era amante do amanhecer e do pôr do sol, do barulho das ondas, das plantas e dos animais, porém a beleza da Criação só acontece quando o ser humano está no centro. Ela mesma relata essa alegria durante a gestação: “Deus é o Criador e o grande fato de que nós estávamos gerando uma criança me fez ter um senso de que nós fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, cocriadores com ele”.⁶³

Era apaixonada pela literatura, tanto que lê Dostoievski, Tolstói, Georges Bernanos, Tomás de Aquino, Jacques Maritain, Chesterton, Jack London, Upton Sinclair e outros. Antes da conversão, relata: “em minha leitura, eu devo ter absorvido um desprezo por religião naquele tempo, uma crítica

⁶⁰ DAY, 1959 *apud* BINGEMER, M. C.L. O Mistério e o Mundo, p. 376.

⁶¹ DAY, 1959 *apud* BINGEMER, M. C.L. O Mistério e o Mundo, p. 383.

⁶² DAY, D. The long loneliness, p. 78.

⁶³ DAY, D. The long loneliness, p. 135.

conscientemente através das pessoas religiosas que estavam tão confortavelmente felizes em face das injustiças no mundo”.⁶⁴ Ou seja, a literatura a ajuda a buscar um mundo mais justo e igualitário, além de colocar em prática os valores cristãos.

Dorothy é uma mulher tocada pela situação econômica e social à sua volta e tem grande senso de justiça. Durante a adolescência, leu livros que ajudaram a aprofundar a sua consciência social.

Eu não queria apenas que poucos, os de mente missionária como o *Salvation Army*, fossem gentis com os pobres, como os pobres. Eu queria que todos fossem gentis. Eu queria que toda casa se abrisse para o coxo, o detido e o cego, da maneira que foi depois do terremoto de São Francisco.⁶⁵

Day é a “mística de olhos abertos”, pois se sente bem junto aos últimos, aos pobres, “por ser ali o lugar onde Deus desejava que estivesse. E onde ela se sentia mais amorosamente unida a este Deus”.⁶⁶ Em sua luta com os mais pobres, não apresentava tendência alienante ou assistencialista, mas lutava com eles contra a pobreza. Por isso, era necessário ir contra as causas das desordens sociais, era preciso transformar a sociedade pela raiz. “Era necessário [...] trabalhar para atingir e destruir as causas das desordens sociais”.⁶⁷

Conhecida pela revolução personalista, Day acredita que a verdadeira conversão do coração só acontece mediante a um coração tocado e convertido pela Graça de Deus, ou seja, a justiça e a paz devem viver dentro do coração e só depois comunicá-la aos demais. “Day costumava aconselhar a penitência como antídoto para a guerra; penitência não só por *eles*, mas por *nós*”.⁶⁸

No *Catholic Worker Movement*, Dorothy viveu a fidelidade à Escritura, na pobreza radical, dedicação às obras de misericórdia e na luta pela justiça. Sua inspiração de vida e luta era o Evangelho e Santa Catarina de Sena, São Francisco, São João da Cruz, Santa Teresa D’Ávila e Santa Teresinha. Frequentava os retiros inicianos, assídua na oração diária e na vida sacramental para o crescimento da vida cristã. O louvor, presente nos seus relatos, é considerado por ela o ato mais profundo que o homem pode realizar: “Seu [Forster] ardente amor pela criação me levou ao Criador de todas as coisas”.⁶⁹

⁶⁴ DAY, D. The long loneliness, p. 41.

⁶⁵ DAY, D. The long loneliness, p. 39.

⁶⁶ BINGEMER, M. C. L. O Mistério e o Mundo, p. 389.

⁶⁷ DAY, D. The long loneliness, p. 389.

⁶⁸ CAVANAUGH, [s.d.] *apud* BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de., Fé, justiça e paz, p. 118.

⁶⁹ DAY, D. The long loneliness, p. 34.

Apoia seu pacifismo na visão paulina de corpo (1Cor 12), ou seja, o Corpo Místico de Cristo é a característica de sua “mística de olhos abertos”. Ela mesma afirma: “o próprio conceito de solidariedade que me fez entender gradualmente a doutrina do Corpo Místico de Cristo, por meio da qual somos membros um do outro”.⁷⁰ Essa identificação que implica toda a humanidade é, para Day, compartilhar do sofrimento do pobre e da responsabilidade do pecado, em outras palavras, a solidariedade supera toda divisão.

Da mesma forma que todas as pessoas compartilham um mesmo amor dentro desse corpo, também compartilham toda a culpa. A força mística que liga todas as pessoas umas às outras também liga nossos destinos de um modo tal que ninguém está livre da responsabilidade pelo pecado que impede o corpo de ser o que foi chamado a ser.⁷¹

O Corpo Místico de Cristo abrange toda a criação, ou seja, a redenção operada por Deus supera as categorias do puro e do impuro, do amigo e do inimigo, do religioso e do não religioso. É nesse Corpo Místico que “o pecado é absorvido e curado pelo processo de amor pelo qual os membros assumem os fardos dos pecados dos outros, tanto a consequência desses pecados como a culpa por eles”.⁷²

O que fazemos, então, para sanar as feridas do Corpo Místico? Dorothy nos dá a resposta: “a única solução é o amor”.⁷³ Será somente quando os homens desenraizarem a violência do próprio coração, mas, primeiramente, será necessário reconhecer a violência presente dentro de nós. É dessa forma que a revolução personalista acontece e “seirmos cada pessoa como Cristo, então trataremos todos com amor e hospitalidade, e certamente não os mataremos”.⁷⁴

Com a vida e o testemunho de Dorothy Day, percebemos sua vivência espiritual como uma “mística de olhos abertos”, mas não só, porque Day encarna aquilo que o Magistério eclesial define como espiritualidade laical. Podemos até afirmar que Dorothy, antes mesmo da definição conciliar, é alguém que assume e vive a espiritualidade laical, pois é sinal de transformação na sociedade e na Igreja.

⁷⁰ DAY, D. The long loneliness, p. 147.

⁷¹ CAVANAUGH, [s.d.] *apud* BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de., Fé, justiça e paz, p. 123.

⁷² CAVANAUGH, [s.d.] *apud* BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de., Fé, justiça e paz, p. 129.

⁷³ DAY, 1959 *apud* BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de. Fé, justiça e paz, p. 123.

⁷⁴ CAVANAUGH, [s.d.] *apud* BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de., Fé, justiça e paz, p. 129.

Conclusão

Diante do que foi apresentado, é possível afirmar que Dorothy Day é um modelo para os nossos dias? Sim! É perceptível que ela encarna o conceito de solidariedade que Metz propõe em sua obra *Mística de olhos abertos*,⁷⁵ ou seja, Day olha e deixa-se olhar, se compadece dos pobres e sofredores e busca, com eles, transformar a sociedade onde vivem. Por isso, a doutrina do Corpo Místico de Cristo é tão importante: se um sofre, todos sofrem. Logo, é preciso do amor para o Corpo ter suas feridas cicatrizadas e curadas.

A figura de Dorothy Day é de uma mulher mística, mas também de alguém que assume em sua vida, antes mesmo da definição conciliar, a vocação laical. Isto é, vive uma vida coerente com o evangelho de Jesus. Day também entende, por sua trajetória de vida e opções políticas, que sua missão, enquanto leiga, é a ação social, por isso, não tem medo de ser sinal, esperança para um mundo indiferente e excludente.

Vale ainda ressaltar que Dorothy é o modelo de santidade que o Papa Francisco propõe na *Gaudete et Exsultate*,⁷⁶ ou seja, é a mulher que ri e chora, se preocupa e vai à luta, que assume as contradições da vida superando todos os dualismos. Ela é a mãe solteira, tantas vezes vista com os olhos do preconceito, que compreende a maternidade em um sentido global. Por isso, Dorothy Day é exemplo para tantos homens e mulheres de nossos dias que devem assumir, com prontidão e coragem, a “mística de olhos abertos” e a espiritualidade que brota da pia batismal.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. de. **Fé, justiça e paz: o testemunho de Dorothy Day**. São Paulo: Paulinas, 2016.

BINGEMER, M. C. L. **O Mistério e o Mundo: paixão por Deus em tempos de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

CELAM. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Paulus, 2008.

⁷⁵ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*.

⁷⁶ GE.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja.** In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). Petrópolis/RJ: Vozes, 1998. p. 37-117.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos.** In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). Petrópolis/RJ: Vozes, 1998. p. 527-564.

COSTA, A. S. Teologia e Espiritualidade: em busca de uma colaboração recíproca. **Perspectiva Teológica**, n. 38, p. 323-348, 2006.

DAY, D. **The long loneliness: the autobiography of the legendary catholic social activist Dorothy Day.** New York: Haper One, 1952.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual.** São Paulo: Edições Loyola, 2018.

FRANCISCO, PP. Discurso ao Congresso Americano. In: INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Íntegra do discurso do Papa Francisco ao Congresso Americano.** Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/547256-discurso-do-papa-francisco-ao-congresso-americano>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica *Christifideles Laici* sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo.** São Paulo: Paulinas, 1990.

MARIANI, C. M. C. B. Mística e Teologia: desafios contemporâneos e contribuições. **Atualidade Teológica**, v. 13, n. 33, p. 360-380, set./dez. 2009.

METZ, J. B. **Mística de olhos abertos.** São Paulo: Paulus, 2013.

PAULO VI, PP. **A Responsabilidade comum dos leigos na Igreja.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/audiences/1971/documents/hf_p-vi_aud_19710811.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

RAHNER, K. **O Cristão do Futuro.** São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.

RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCARAFFIA, L. **Não me chameis santa: a surpreendente vida de Dorothy Day.** Jul. 2012. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/nao-me-chameis-santa>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Docente permanente do PPG em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas
Campinas/SP – Brasil
E-mail: cecibmariani@gmail.com

Henrique Matheus Biondo Costa

Pesquisador de Iniciação Científica vinculado ao PPG
em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas/SP – Brasil
E-mail: henrique.matheusbiondo@gmail.com

Recebido em: 03/09/19

Aprovado em: 19/12/19